
Sob a copa das grandes árvores: o questionamento sobre o ato de olhar a Rota Amazônia Atlântica através da fotografia¹

Beatriz Capela Franco²

Guilherme Bento de Faria Lima³

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Este trabalho pretende analisar três fotografias registradas na Rota Amazônia Atlântica, apresentando resultados parciais da pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Beatriz Capela Franco. Por meio das imagens, o objetivo do artigo é desenvolver uma reflexão relacionada ao olhar hegemônico sobre a Amazônia e apresentar uma nova visão sobre o espaço, com base na perspectiva de Georges Didi-Huberman em diálogo com Deleuze e Guattari, os aspectos da Bioeconomia e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. O trabalho pauta-se na metodologia de pesquisa-ação, leitura e análise da imagem, além de pesquisa bibliográfica sobre Filosofia da Fotografia e Sustentabilidade.

Palavra-chave: fotografia; bioeconomia; rota amazônia atlântica; pesquisa-ação.

Introdução

A Rota Amazônia Atlântica é um roteiro turístico sustentável de experiência, formado por pequenos empreendedores locais no estado do Pará. Em 2023, o projeto de extensão *Valorização da Floresta Amazônica pelo meio audiovisual*, orientado pelo Professor Doutor Guilherme Lima, realizou uma visita de campo pela Rota, composta por mim, outras três alunas e dois egressos do curso de Comunicação Social da UFF. Como desdobramento dessa experiência, esse trabalho pretende realizar a análise de três fotografias de minha autoria a partir de uma visão orientada para o solo da Amazônia paraense. Essa análise está pautada na perspectiva crítica proposta por Georges Didi-Huberman no livro *Cascas* em diálogo com Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*, bem como os aspectos da Bioeconomia da Floresta em Pé e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU observados durante a viagem.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal Fluminense, beatrizcapela@id.uff.br

³ Orientador do trabalho. Professor Assistente do Curso de Publicidade do Departamento de Comunicação Social da UFF - Universidade Federal Fluminense. Doutor em Comunicação Social pela PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail limaguilherme@id.uff.br

Primeiramente, é importante entender que existe um olhar superficial sobre a Amazônia, onde o observador — visitante — percebe esse espaço apenas a partir daquilo que está visível. Segundo Kossy (2008, p. 133), as imagens fotográficas “são construções técnicas, culturais, estéticas e ideológicas que devemos desmontar para compreendermos como se dá essa elaboração”. Por isso, primeiro é necessário entender que a região amazônica é marcada por um processo de marginalização sociocultural, assim como de exploração sistemática de seus recursos naturais por parte de grandes empreendimentos. Dessa forma, assumindo que as imagens são “codificadas formal e culturalmente” (Kossy, 2008), é evidente que essa perspectiva exploratória sobre a Amazônia também se mostra presente nos registros fotográficos à medida que, historicamente, o olhar se volta para a exuberância das grandes árvores amazônicas.

A presença de fotógrafos na região, nos primórdios do uso do registro fotográfico, evidencia a forte impressão que as notícias e os registros visuais, basicamente desenhos, trazidos por expedições anteriores na região amazônica, haviam exercido no imaginário do século 19. Os registros de modos de vida, de espécimes variados e de uma natureza exuberante alimentaram a imaginação social, ao mesmo tempo em que definiram um padrão evolutivo, fortemente marcado pela relação entre “nós”, os civilizados, e os “outros”, que deveriam ser tipologizados e identificados na escala evolutiva. (Mauad, 2010, p. 137)

Em oposição à lógica hegemônica, a Bioeconomia da Floresta em Pé é um modelo de produção pautado no uso de recursos biológicos, com o objetivo de oferecer soluções sustentáveis, tendo em vista a substituição de recursos fósseis e não renováveis. Com base nisso, o trabalho realizado pela Rota Amazônia Atlântica, ao adotar a Bioeconomia como princípio norteador, mostra-se relevante no contexto de exploração da região, uma vez que a proposta da Rota é “englobar as práticas de produção que envolvem processos tradicionais, da agricultura familiar e orgânica, passando pela agrofloresta, pesca artesanal até elementos histórico-culturais da região paraense” (Côrrea *et al*, 2024, p. 132).

Dessa forma, ao pensarmos nesse sistema produtivo que se opõe à lógica de exploração dos recursos naturais da região, é necessário subverter também o olhar sobre esse espaço. No livro *Cascas*, o autor escreve sobre os campos de concentração: “Um lugar desse tipo exige dos visitantes que ele se interrogue, num momento qualquer, sobre seus próprios atos de olhar” (Didi-Huberman, 2017, p. 28). Sob essa perspectiva, ao analisar três fotografias registradas na Fazenda Bacuri, Seringô e Sítio Raiz — empreendimentos da Rota —, o trabalho tem como objetivo subverter a visão superficial sobre a Amazônia, buscando olhar para baixo das grandes copas das árvores.

Desenvolvimento

Com base nos aspectos que constituem a problemática abordada no artigo, os métodos de pesquisa utilizados serão a pesquisa-ação, leitura e análise da imagem, bem como a revisão bibliográfica.

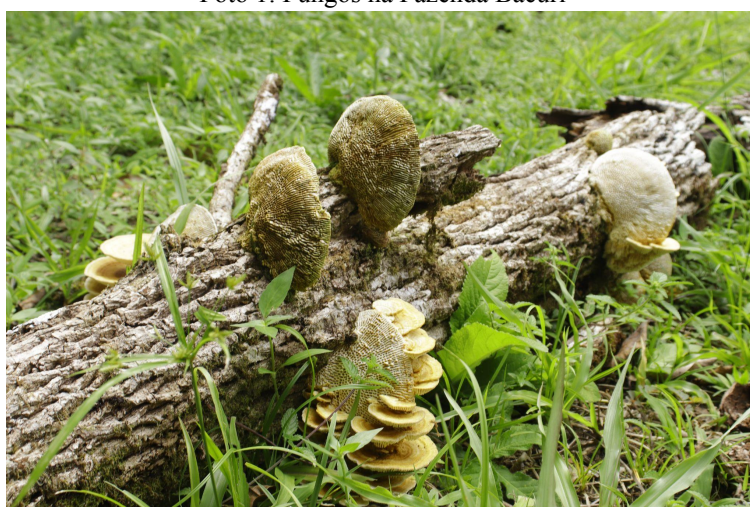
Assim como na pesquisa do artigo *Empreendedorismo Feminino: o protagonismo das mulheres na Rota Amazônia Atlântica* (Côrrea et al, 2024), a pesquisa-ação decorre da relação desenvolvida com os agentes da Rota que apresentaram uma forte participação, não apenas durante o período da expedição, mas também em ações realizadas posteriormente ao longo de dois anos. Esse relacionamento possibilitou a realização desse artigo, uma vez que a metodologia da pesquisa-ação pressupõe “a geração do conhecimento como algo construído com a participação ativa da comunidade, grupo ou movimento social investigado” (Peruzzo, 2016, p.10).

Segundo Iluska Coutinho no capítulo *Leitura e Análise da Imagem* do livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005, p. 331), “a importância da Análise da Imagem poderia ainda ser avaliada pelo espaço ocupado pelos registros visuais na vida em sociedade”. Por isso, a leitura e análise da imagem será usada, também, de forma a abordar a composição, a relação de luz e sombra e outros elementos fotográficos que contribuem para a construção do significado das imagens abordadas no contexto da Rota Amazônia Atlântica. Além disso, o segundo método de pesquisa será aplicado para criar relações de sentidos entre as características visuais técnicas citadas e aspectos socioculturais presentes na Rota. Combinado a isso, a revisão bibliográfica será utilizada para a fundamentação dos conceitos relativos à Filosofia da Fotografia e Bioeconomia da Floresta em pé. Assim, com base nas experiências vivenciadas em campo, o artigo foi desenvolvido por meio da leitura e análise da imagem registradas durante a viagem pela Rota, tendo como fundamentação teórica artigos acadêmicos e livros relevantes sobre as temáticas abordadas.

Dessa forma, para começar a análise fotográfica, é importante voltar à perspectiva apresentada por Georges Didi-Huberman no livro *Cascas* (2017) sobre o questionamento relativo ao próprio ato de olhar. Em um lugar como a Amazônia é inevitável que a grandiosidade das árvores, as cores vibrantes dos animais e os diferentes sons que se apresentam no espaço chamem a atenção do observador. No entanto, diante de toda essa abundância visível é importante a seguinte questão: o que sustenta toda essa exuberância?

Essa pergunta está intimamente relacionada a quatro princípios da Bioeconomia presentes na Rota Amazônia Atlântica e fundamentais para as análises propostas no trabalho: “a valorização da biodiversidade, a busca pela sustentabilidade, a promoção da circularidade e o cultivo da inovação” (Cabral *et al*, 2023). A relação entre esses princípios e as fotografias registradas por mim se estabeleceu por meio das experiências vividas nos empreendimentos da Rota que estimularam a inversão do meu olhar enquanto agente externo e, consequentemente, do sentido da minha câmera naquele espaço.

Foto 1: Fungos na Fazenda Bacuri



Fonte: Criação autoral, 2023.

A primeira foto foi registrada em Bragança na Fazenda Bacuri, que é uma agroindústria familiar que trabalha com a produção artesanal de doces, geleias e licores de frutas típicas da Amazônia. Além disso, com o objetivo de valorizar a floresta em pé, o empreendimento desenvolve atividades de turismo associado à produção e pesquisa, como o micoturismo — ação turística focada na observação, estudo e apreciação de fungos. Nesse contexto, a imagem mostra uma espécie de cogumelo sob um galho de árvore caído na grama. Eu me lembro de ter feito esse registro perto de uma árvore.

Diante de uma fotografia, é necessário ter a noção de que esta é a captura de um único instante. Fato que, necessariamente, estabelece a importância dos acontecimentos anteriores e posteriores para a análise. Em vista disso, observando a foto 1, é possível supor que, provavelmente, o galho presente da imagem caiu da árvore ao lado e, algum tempo depois, a sua presença propiciou a proliferação desses fungos. Nesse sentido, é possível questionar: quanto tempo foi necessário para o surgimento dos cogumelos? Assim, a imagem evidencia o fim e o início dos ciclos na natureza ao longo do tempo.

Essa perspectiva se relaciona aos conceitos de *rizoma* e *devoir* dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil Platôs* (1997). Pensar de forma rizomática implica esforçar-se para compreender a multiplicidade, sem limitar-se a uma totalidade. Nesse sentido, os pensadores conceituam o *devoir* como um processo contínuo de mudança que rompe com a uniformidade, favorecendo a multiplicidade. Por isso, perceber a Amazônia sobre a lógica do rizoma, significa entender esse espaço em sua complexidade, tanto relativa a diversidades ecológicas e socioculturais, quanto em seu *devoir-natureza*, observado na imagem 1.

Compreender, assim, a continuidade da vida na natureza por meio das suas constantes mudanças ao longo do tempo permite o desenvolvimento de formas de Consumo e Produção Responsáveis (ODS 12), assim como de Cidades e Comunidades Sustentáveis (ODS 11), por meio da valorização da biodiversidade local.

Foto 2: O Cultivo no Sítio Raiz



Fonte: Criação autoral, 2023.

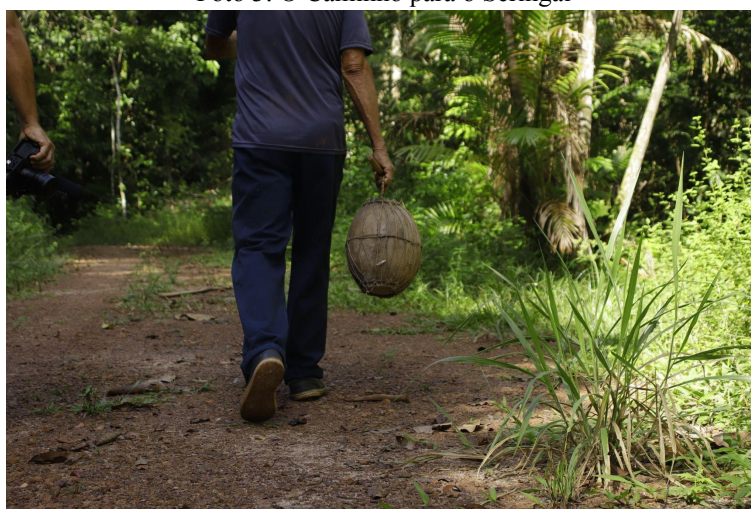
A segunda imagem retrata uma atividade de cultivo no Sítio Raiz, empreendimento que, com base na agricultura familiar, comercializa produtos gastronômicos derivados da mandioca, além de oferecer experiências turísticas rurais e gastronômicas em Augusto Corrêa. Dessa forma, as atividades do empreendimento estão intimamente ligadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, em especial, à Fome Zero e Agricultura Sustentável

(ODS 2), à Erradicação da Pobreza (ODS 1), assim como ao Trabalho Decente e Crescimento Econômico (ODS 8).

Na foto 2 é possível observar o Ilson José, agricultor e proprietário do empreendimento local, com o aipim que havia acabado de colher em suas mãos. A composição da imagem, ao posicionar Ilson no centro do quadro, privilegia o agente local e o insumo. Aspecto que é reforçado pelo enquadramento médio, que mostra mais informações visuais sobre o local e apresenta a mandioca, assim como evidencia o rosto do trabalhador rural. Segundo o pensamento de Deleuze e Guattari (1997), a *rostificação* se refere à forma como a subjetividade é organizada de forma opressiva por um sistema social. Nesse sentido, mostrar o rosto físico do Ilson na imagem contribui para o processo de desfazer a rostificação, uma vez que apresenta a figura do agricultor familiar, socialmente marginalizado, com papel de protagonista. “Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino” (Deleuze; Guattari, 1997, p.52).

A imagem foi selecionada com o objetivo de ressaltar a importância de dar visibilidade aos empreendedores rurais que trabalham todos os dias com formas sustentáveis de produção para a manutenção da Floresta em Pé. Neste trabalho, assim, o agricultor Ilson José representa o rosto de todos os parceiros da Rota Amazônia Atlântica.

Foto 3: O Caminho para o Seringal



Fonte: Criação autoral, 2023.

A última imagem utilizada neste trabalho foi tirada no Seringô, empreendimento situado em Castanhal que utiliza a moda como ferramenta de impacto social. Nesse sentido, o modelo de negócio utiliza a borracha natural extraída de forma sustentável das seringueiras para criar produtos de moda que preservam a floresta (ODS 12) e garantem Trabalho Decente

e Crescimento Econômico (ODS 8) às famílias ribeirinhas da região, valorizando a cultura e o conhecimento das comunidades tradicionais.

A foto 3 retrata o seringueiro José do Carmo de Assis Alves, parceiro do empreendimento, caminhando em direção à floresta com os utensílios para extração do látex. Esse registro foi feito enquanto estávamos caminhando para o Seringal, onde José fez a coleta do látex e nos contou sobre o processo. Na fotografia, o enquadramento tem uma divisão perceptível de luminosidade que traça uma diagonal no quadro: a parte inferior da imagem à direita, apresenta uma luz mais forte que perde a presença na parte superior à esquerda, onde é possível observar o interior da floresta. Ao centro da imagem, onde está localizado o seringueiro, existe uma luminosidade média.

De acordo com Michael Langford (2003, p.42), “o uso da luz permite-nos mostrar certos aspectos de um objeto diante da máquina fotográfica e suprimir outros”. Por isso, considerando a análise sobre luz e sombra nessa foto, é possível estabelecer uma relação de sentido com a importância atribuída à parte exterior da floresta. O enquadramento fechado sublinha, também, a atenção em relação ao trabalho realizado em virtude do instrumento de trabalho ocupar a posição central do quadro. Nesse sentido, é possível observar um *devir-seringueiro*.

No volume quatro da obra *Mil Platôs*, os autores desenvolvem um pensamento sobre o devir como agente político de emancipação social, por meio da valorização da diferença e da criatividade. Com base nesse conceito estabelecido por Deleuze e Guattari (1997), a Seringô, ao realizar um trabalho pautado no conhecimento tradicional de extração do látex, transformando essa matéria em itens de moda, de forma a atribuir valor econômico e cultural à atividade, decodifica a lógica desse trabalho. Então, se antes a extração do látex era um elemento de exploração local, a atuação do empreendimento valoriza o seringueiro e gera renda para as famílias locais (ODS 11), por meio da Indústria, Inovação e Infraestrutura (ODS 9).

Ainda sob essa perspectiva, no canto esquerdo do quadro na foto 3 podemos observar a mão do professor Guilherme segurando uma câmera. Apesar deste elemento apresentar pouco destaque no quadro, ao estar em paralelo com o instrumento do seringueiro, apresenta a fotografia, também, como agente de mudança da lógica hegemônica sobre a Amazônia. Assim, ao mesmo tempo que a fotografia pode refletir o olhar exploratório sobre esse espaço, como descrito por Mauad (2010), as imagens devem evidenciar os aspectos da Bioeconomia,

assim como seus efeitos ambientais e socioeconômicos, dando visibilidade aos empreendedores locais.

Conclusão

“Eis por que o solo se reverte de tal importância para quem visita esse tipo de lugar” (Didi-Huberman, 2017, p.35). Isso ocorre, uma vez que no solo está a resposta para o questionamento central proposto no artigo: a diversidade cultural e biológica sustenta a exuberância da Floresta Amazônica. Este trabalho, então, realizou a análise de três imagens que apresentam a potência de diferentes elementos importantes para manutenção da Floresta em Pé: o *devir-natureza* (foto 1), os empreendedores locais (foto 2) e o trabalho tradicional na região (foto 3).

Esse artigo apresenta resultados parciais da minha pesquisa do trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense. O estudo foi desenvolvido por meio da metodologia da pesquisa-ação, leitura e análise da imagem, assim como pesquisa bibliográfica, com base na perspectiva crítica proposta por Georges Didi-Huberman no livro *Cascas* em diálogo com Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*, além dos aspectos sustentáveis observados durante a viagem. A escolha das fotos decorreu do entendimento sobre os três aspectos citados — *devir-natureza*, empreendedores locais e trabalho tradicional — como elementos essenciais do sistema produtivo sustentável, uma vez que se refere a utilização de recursos biológicos renováveis para produzir bens e serviços.

Assim, é possível afirmar que o olhar direcionado para o solo é um ato urgente ao pensar e debater a Bioeconomia da Floresta em Pé. Por este modelo produtivo desafiar a lógica hegemônica de produção, o mesmo estimula o questionamento sobre o ato de olhar os elementos presentes nesse espaço. Nesse contexto, a fotografia é um instrumento de mudança, uma vez que enquadra e ilumina o solo da Floresta Amazônica, engajando a biodiversidade, a cultura e o trabalho local.

Referências

CABRAL, M. *et al.* O desenvolvimento da Bioeconomia no estado do Pará: potencialidades, desafios e perspectivas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.9, n.11, p. 4211-4224, nov. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12713/6008> . Acesso em: 10 jun. 2025.

CORRÊA, I. A. N. *et al.* Empreendedorismo feminino: o protagonismo das mulheres na Rota Amazônia Atlântica. In: MATOS, S. S.; MEIRELLES N. (org.). **Comunicação e Políticas Científicas**: desmonte e reconstrução – olhares de jovens pesquisadores. Joinville: Editora Univille, 2024. p. 1–148. *E-book*.

COUTINHO, I. Leitura e Análise da Imagem. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005. p. 330-344.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

KOSSOY, B. Fotografia e paisagem: o explícito e o oculto nas representações fotográficas. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Porto, n. 39, p. 133-142, jun. 2008.

LANGFORD, M. **Fotografia Básica**. 5. ed. Lisboa: Dinalivro, 2003.

MAUAD, A. M. Imagens de um outro Brasil: o patrimônio fotográfico da Amazônia oitocentista. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 131-153, ago./set. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/56288633/Locus_2011.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

PERUZZO, C. M. K. Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 25., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. São Paulo: UESP, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos2016/trabalhos/epistemologia-e-metodo-da-pesquisa-acao-uma-aproximacao-aos-movimentos-sociais?lang=pt-br>. Acesso em: 14 jun. 2025.